COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PSICOMOTORA

Guilherme Fontoura Borges

ACAMPAMENTO EDUCATIVO COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR:

O brincar na natureza e o desenvolvimento de crianças e adolescentes

Rio de Janeiro
2026

Guilherme Fontoura Borges

ACAMPAMENTO EDUCATIVO COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR:

O brincar na natureza e o desenvolvimento de crianças e adolescentes

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Educação Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade Educacional.

Orientadora Professora Dra. Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer.

Rio de Janeiro
2026

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

B732 Borges, Guilherme Fontoura

Acampamento educativo como espaço de desenvolvimento psicomotor : o brincar na natureza e o desenvolvimento de crianças e adolescentes / Guilherme Fontoura Borges. - Rio de Janeiro, 2026.

19 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer

1. Psicomotricidade – Estudo e ensino. 2. Acampamentos Educativos. 3. Natureza. 4. Jovens - Desenvolvimento. 5. Desenvolvimento psicomotor. I. Schaefer, Katia de Souza e Almeida Bizzo. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 152.385

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Guilherme Fontoura Borges

ACAMPAMENTO EDUCATIVO COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR:

O brincar na natureza e o desenvolvimento de crianças e adolescentes

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Educação Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade Educacional.

Aprovado em: _____/_____/_____.

Banca Examinadora:

_____
Dra. Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer (Orientadora)
Colégio Pedro II

_____
Ma. Bianka Barbosa Penha
Colégio Pedro II

_____
Me. Rafael Branco Cruz
UNIRIO

Rio de Janeiro
2026

ACAMPAMENTO EDUCATIVO COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR:

O brincar na natureza e o desenvolvimento de crianças e adolescentes

Guilherme Fontoura Borges

Resumo: O artigo analisa a relação entre o brincar na natureza e o trabalho desenvolvido nos acampamentos educativos com o desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes. A partir de uma revisão bibliográfica narrativa com base em um relato de experiência. A Psicomotricidade é apresentada como base teórica para compreender as relações entre o indivíduo, o outro e o ambiente, refletindo sobre o ambiente, as práticas e o desenvolvimento dos acampantes. O estudo destaca que a crescente urbanização e o avanço das tecnologias digitais têm reduzido o contato das crianças com ambientes naturais, contribuindo para prejuízos no seu desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo. Nesse contexto, os acampamentos educativos surgem como espaços de educação não formal, promovendo vivências em meio à natureza, autonomia, convivência comunitária e aprendizagem por meio do brincar, vivências estas que estão evidenciadas no relato de experiência. O contato com a natureza favorece o brincar, amplia as oportunidades de exploração, imaginação e aprendizagem, múltiplos estímulos e atravessamentos que contribui para o equilíbrio emocional e para a saúde integral, o desenvolvimento motor, construção da identidade corporal e fortalecimento dos vínculos afetivos. Conclui-se que os acampamentos educativos constituem ambientes privilegiados para o desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes, pois unem natureza, ludicidade, convivência e aprendizagem, favorecendo uma formação humana mais completa e significativa.

Palavras-chave: Psicomotricidade; Acampamentos Educativos; Brincar; Natureza

EDUCATIONAL CAMP AS A SPACE FOR PSYCHOMOTOR DEVELOPMENT:

Play in Nature and the Development of Children and Adolescents

Abstract: This article examines the relationship between play in nature and the activities developed in educational camps with the psychomotor development of children and adolescents. Based on a narrative literature review and an experience report, Psychomotricity is presented as the theoretical framework to understand the interactions between the individual, others, and the environment, highlighting the role of context, practices, and campers' development. The study emphasizes that increasing urbanization and the expansion of digital technologies have reduced children's contact with natural environments, leading to negative impacts on their physical, emotional, social, and cognitive growth. In this scenario, educational camps emerge as non-formal educational settings that foster experiences in nature, autonomy, community living, and learning through play, as evidenced in the experience report. Interaction with nature enhances play, broadens opportunities for exploration, imagination, and learning, and provides multiple stimuli that contribute to emotional balance, holistic health, motor development, body identity construction, and the strengthening of affective bonds. The findings suggest that educational camps

constitute privileged environments for psychomotor development in children and adolescents, as they integrate nature, playfulness, social interaction, and learning, promoting a more comprehensive and meaningful human formation.

Keywords: Psychomotricity; Educational Camps; Play; Nature

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como proposta relacionar os Acampamentos Educativos ou Pedagógicos e o brincar na natureza com desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes, dentro desses espaços. Utilizando da revisão bibliográfica em diálogo com uma metodologia narrativa, com base em um relato de experiência, são apresentadas reflexões sobre as atividades realizadas por mim nos acampamentos e a convivência de crianças e adolescentes brincando na natureza, através do olhar da Psicomotricidade nesses eventos.

Dessa forma, houve a intenção de refletir sobre os acampamentos educativos como ambiente de práticas psicomotoras, pensar o desenvolvimento de crianças e adolescentes dentro desses ambientes de educação não formal e pesquisar a importância do brincar na natureza e a natureza como ambiente pedagógico.

A relevância deste trabalho se dá para buscar meios de lidar de forma equilibrada com o avanço do uso da tecnologia e seus recursos, que sofreram um desenvolvimento acelerado. Hoje em dia, por exemplo, com um aparelho de celular, podemos nos comunicar, ver vídeos, jogar, pagar contas, tirar fotos e gravar vídeos de alta qualidade entre outras funções. Isso deixou a sociedade moderna, de certa forma, refém das telas, com as quais há a ilusão de que tudo pode ser resolvido em um instante com um aparelho que cabe na palma da mão. O que tal situação reflete nos jovens e nas crianças é que eles, cada vez mais cedo, querem participar desse mundo tecnológico e instantâneo. Junto a isso, há a diminuição de áreas naturais nas grandes cidades – saem gramas e árvores e entram prédios e concreto –, que restringem as opções de lazer ao ar livre de seus moradores. Por consequência, eles acabam substituindo o tempo de brincar livre para ficarem paralisados, interagindo apenas com telas digitais.

Essa diminuição e privação do uso de espaços naturais nas grandes cidades tem trazido consequências no desenvolvimento e na saúde de crianças e adolescentes (SANTOS; COMARU; OLIVEIRA, 2022). Os espaços de lazer muitas vezes são áreas concretadas com poucas árvores ou áreas gramadas com brinquedos que nem sempre possuem uma manutenção adequada, sem segurança para brincar livremente. Portanto, cria-se a falsa ideia de que o uso dos recursos eletrônicos se torna um lazer “mais seguro” para esse público. Esse afastamento também traz consequências nos temas relacionados ao meio ambiente, como o uso indevido e irresponsável de seus recursos, os desastres ambientais e a desvalorização da necessidade de sua preservação, fruto do pensamento ocidental, colonizado e colonizador (BAZILIO; SCHAEFER, 2021).

Na contramão dessa lógica contemporânea, há os acampamentos educativos que foram criados no período da Revolução Industrial como alternativas à vida urbana. Um local onde crianças e jovens possam estar próximos à natureza, aprendendo sobre as coisas simples da vida, brincando e aprendendo de forma alternativa ao modelo educacional tradicional (VIVOLO FILHO, 2003)

Eles geralmente ficam localizados em pequenas cidades onde a natureza está muito presente, aproximando crianças e adolescentes dos ambientes naturais, muitas vezes desconectado das tecnologias e do “mundo exterior” – ou seja, desconectados de uma realidade externa ao que acontece no instante vivido no ambiente em que se encontram –, convivendo com outras crianças da mesma faixa etária e, por vezes, longe de familiares, aumentando a experiência e o desenvolvimento de autonomia na relação com o momento ali vivido.

Em diálogo com a Psicomotricidade, que é a ciência que estuda o ser humano

em seu corpo e em relação com outros seres e com o ambiente, como brincar na natureza (SCHAEFER, 2024), a convivência entre crianças e adolescentes nas rotinas dos acampamentos pode ser considerada importante para o desenvolvimento integral deles, em suas múltiplas potencialidades.

Nessa perspectiva, no desenvolvimento do tema, a seguir, apresentamos um pouco da contextualização dos acampamentos educativos em nossa sociedade, como um ambiente de educação informal. Em seguida, o diálogo entre a Psicomotricidade, crianças e o brincar na natureza, em suas microrrelações (o eu, o outro e o ambiente) dentro do ambiente natural. E, por último, trago meu relato de vivências e experiências como conselheiro de acampamento através de um olhar psicomotor.

2 ACAMPAMENTOS EDUCATIVOS: UM AMBIENTE DE EDUCAÇÃO INFORMAL

Com a Revolução Industrial no século XIX, houve uma grande migração populacional dos campos para as cidades, o que impactou de forma acelerada no modo de vida dessas pessoas, do rural para o urbano, na qual as famílias esbarravam com cidades lotadas com a falta de opções de lazer para seus filhos, principalmente no período de férias escolares. Com isso, as crianças que estavam acostumadas com a antiga vida rural, com o trabalho mais pesado, precisavam de um programa educacional, que não seguisse os moldes rígidos das escolas tradicionais. Assim surgiram os primeiros acampamentos organizados, na Europa e Estados Unidos da América, oferecendo experiências ao ar livre, alegres e com valores educativos para que os jovens desenvolvessem senso de responsabilidade pelos outros e pelo ambiente. Esses eventos deram origem aos acampamentos educativos ou pedagógicos na atualidade (JAROCKI, 2008; VIVOLO FILHO, 2003).

No Brasil, os acampamentos surgiram a partir de 1946, desenvolvendo características, objetivos e filosofias distintas, podendo ser organizados em qualquer lugar com mínima estrutura como sítios, fazendas, hotéis ou em locais especialmente projetados. Os acampamentos brasileiros funcionam principalmente durante as férias escolares de janeiro e julho, mas também funcionam durante o ano todo, recebendo grupos de escolas com as mais distintas intenções para além do lazer, como programas de aventura na natureza (trilhas e escaladas, rapel, arvorismos etc.), projetos de estudo do meio que reúnem aprendizagem, conhecimento e ludicidade no processo de descoberta do saber de forma natural, através de experiências e vivências, acampamentos em famílias entre outros formatos (VIVOLO FILHO, 2003).

Em 1999, foi fundada a Associação Brasileira de Acampamentos Educativos (ABAE), com a finalidade, juntamente com seus afiliados, de aprimorar a atividade de acampamentos educativos em aspectos básicos e fundamentais como saúde, nutrição, segurança, recursos humanos, infraestrutura de recreação e lazer, além de agrupar, trocar informações e compartilhar experiências entre os acampamentos associados, contribuindo para que a atividade tenha um padrão de qualidade, fortalecendo cada vez mais essa prática no Brasil (ABAE, 2026).

Os acampamentos educativos, em sua grande maioria, têm uma proposta filosófica, voltada para uma formação holística embasada nos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (DELORS, 2010), valorizando de forma significativa as competências e relações humanas. Utiliza-se do brincar como principal instrumento de transformação, produzindo uma experiência cultural verdadeira e a ludicidade como instrumento de aprendizagem, quebrando o paradigma da dicotomia entre obrigação e lazer (JAROCKI, 2008), corpo e mente, homem e natureza.

Para Eleonor Eells (1986 *apud* VIVOLO FILHO, 2003, p. 4) em seu livro *A história do Acampamento Organizado: primeiros 100 anos*, acampamento é “uma experiência uniforme e/ou sistemática que fornece oportunidades criativas, recreativas e educativas para o grupo contribuir para o crescimento mental, físico, social e espiritual de cada acampante”.

Durante a estada, os acampantes, que em sua grande maioria estão longe de familiares, podem desfrutar de atividades recreativas, esportivas, artísticas, de aventura e educativas em um local em meio à natureza. A convivência com outras crianças da mesma faixa etária aumenta o senso de comunidade entre elas, trabalhando autonomia, confiança, respeito ao outro e ao ambiente, cooperação e integração.

Assim os acampamentos educativos podem ser grandes aliados às famílias e escolas, como espaços de educação não formal, nos quais são trabalhadas a interdisciplinaridade, transversalidade e inteligências múltiplas no seu dia a dia através de jogos, brincadeiras e atividades lúdicas como ferramentas para a formação de um ser humano desenvolvido em sua totalidade, um cidadão responsável, ativo e construtivo da sua comunidade (JAROCKI, 2008).

Segundo Tombesi (1975 *apud* JAROCKI, 2008), existe uma enorme diferença entre a educação formal/tradicional, que ocorre por compulsão, e a educação feita através da recreação/descoberta, que acontece através da espontaneidade, na qual todos trazem seu potencial à tona, favorecendo assim a formação de personalidades contextualizadas, pois as regras do jogo recreacional são as mesmas que regem o nosso mundo. Daí a sua importância como fator de integração social.

Na contramão da proposta dos acampamentos, os tempos e espaços escolares, muitas vezes, se encontram na lógica de docilização dos corpos (FOUCAULT, 1987), em uma falsa impressão de que é assim que se assegura a aprendizagem e que o tempo no pátio é ócio desnecessário. Essa perspectiva investe mais em uma educação focada em regulação, hierarquização e disciplinarização da relação professor-aluno do que na relação que busca a autoformação e a liberdade dos corpos. Esses fatores evidenciam que “a escola não tem pela dimensão do corpo a mesma consideração que tem pela dimensão da mente” (CRUZ, 2025, p. 51), pois ainda caminham, equivocadamente, no paradigma da dualidade do corpo, na qual há uma mente separada do corpo.

Por isso há uma necessidade de redesenhar os caminhos de conhecer, saber, aprender/ ensinar e vivenciar o modelo tradicional de educação, “para se respeitar o preceito básico da vida: dizer sim às vontades do corpo.” (CRUZ, 2025, p. 53). Os tempos de cada sujeito são subjetivos e devem ser respeitados, portanto, dizer sim às vontades do corpo é importante para que esses sujeitos sintam liberdade e fujam das suas limitações que atravancam o seu desenvolvimento físico, mental, emocional, espiritual e cognitivo, pois é pelo corpo que aprendemos (CRUZ, 2025).

Nesse contexto, os acampamentos educativos vêm exercendo papel fundamental na sociedade, colaborando na educação informal de crianças e jovens, aliando lazer, educação, vida em comunidade (VIVOLO FILHO, 2003) e natureza.

Estar na natureza, por si só, causa um certo encantamento, pois quem vive nas grandes cidades não está acostumado com a grandiosidade dos ambientes naturais que redimensiona as relações em diferentes camadas, sejam cognitivas, sensitivas e emocionais, entre crianças e jovens e seus pares, crianças e jovens e adultos e dessas pessoas com a natureza, que age, educa, provoca, inspira, muda e transforma as práticas educativas, em um território de transferência de sentidos e sentimentos (CRUZ, 2025).

Nesses espaços potencializados dos acampamentos com ambientes educacionais, os acampantes, distanciados da tecnologia, convivem entre os seus pares, com autonomia e responsabilidades básicas, imersos em um ambiente rodeado pela natureza.

3 PSICOMOTRICIDADE, CRIANÇA E NATUREZA

O crescimento urbano, o sentimento de insegurança e o avanço tecnológico têm influenciado diretamente nos hábitos de vida e na forma de brincar e se relacionar entre as crianças. Esses fatores têm diminuído os espaços lúdicos ao ar livre, os brinquedos e objetos que promoviam a utilização do corpo, a criatividade, estratégias, inteligências e conhecimentos que foram substituídos por brinquedos tecnológicos, que são mais observados do que manuseados pelas crianças (GONÇALVES, 2024).

De acordo com Jesus e Lima (2022), as crianças dessa nova geração, mesmo antes de aprenderem a falar, já se encontram imersas em ondas digitais, com tendência a aumentar esse contato com o passar dos anos. O brincar na rua tem sido substituído por jogar na internet, na qual a interação entre as crianças e adolescentes passa a ser através de uma tela. Isso acontece nas residências e nas escolas de ensino tradicional: alunos em quatro paredes, enfileirados em suas carteiras escolares, que leem sobre árvores, animais, biomas, conhecendo na teoria um universo presente e disponível fora da sala de aula. Porém, infelizmente, as crianças são afastadas da natureza dentro e fora da escola e, assim, vão desvalorizando-a.

O distanciamento atual entre as crianças e a natureza emerge como uma importante crise do nosso tempo, especialmente no contexto urbano, no qual o mundo natural tem deixado de ser visto como elemento essencial da infância. Esse distanciamento da natureza pode acarretar em problemas de saúde como obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, desequilíbrio emocional, baixa motricidade e miopia (BARROS, 2018), além de mudanças de comportamento como a desatenção e a autorregulação de seus corpos, já que tendem a formar crianças que muitas vezes não conseguem encontrar o equilíbrio das emoções em seus corpos no espaço (GONÇALVES, 2024).

Esse fenômeno foi chamado de “Transtorno de Déficit de Natureza” (TDN), termo não médico que o jornalista Richard Louv (2016) utilizou para se referir aos impactos negativos causados à saúde física e mental das crianças, consequentes do confinamento em ambientes fechados e da grande exposição ao uso das telas e recursos multimídias dos games, smartphones e tablets (SANTOS; COMARU; OLIVEIRA, 2022).

Um resultado da lógica capitalista, eurocêntrica e competitiva que tem guiado a sociedade nas últimas décadas foi o desmatamento, a destruição de rios, matas e florestas, obras de aterramento e a exploração de recursos naturais em nome do crescimento e desenvolvimento urbano, o que nos trouxe a uma era de desastres naturais e outras consequências que afetam a saúde do planeta. Na tentativa de sermos superiores a todas as espécies, aprendemos a dicotomizar corpo e mente, homem e natureza e, nessa separação, deixamos de nos perceber naturais, assim matamos, colonizamos, destruímos, queremos sempre mais desenvolvimento (BAZILIO; SCHAEFER, 2021).

Contradizendo esse pensamento cartesiano de separação corpo/mente e homem/natureza,Schaefer (2024, p. 328) afirma que:

> A Psicomotricidade é a ciência que tem por objetivo o desenvolvimento do ser humano em sua complexidade, um corpo indivisível, formado

> subjetivamente e com suas relações para além do corpo físico e do movimento, com foco na saúde e na alegria. Ela investe naturalmente em busca de autoconhecimento, potência, reintegra os caminhos do cuidado de si, percebendo-se como modo de expressão da natureza, desenvolvendo sua sensopercepção nas microrrelações que esse corpo estabelece consigo próprio, com o outro e com o ambiente.

A partir do olhar psicomotor das microrrelações com a natureza, descreverei três relações de cuidado fundamentais para essa ciência: a relação da criança com a natureza (o eu), com o brincar na natureza entre crianças (o outro) e com os acampamentos educativos e natureza (o ambiente).

3.1 Criança e Natureza (o eu)

Historicamente aprendemos que a natureza está a nosso serviço para fornecer, alimento, água e matéria prima para bens de consumo, resultando em um sentimento de superioridade na relação entre ser humano e natureza, quando, na verdade, somos apenas mais uma forma de vida integrante do planeta e que precisamos encontrar um equilíbrio com as outras formas vida da Terra, pois tudo que afeta o planeta também nos afeta em nossas vidas.

De acordo com Schaefer (2020, p. 237):

> O filósofo Spinoza, em sua obra Ética (2011), afirmou a existência de uma essência única – a natureza. Em sua tese, os seres humanos, como os outros seres vivos, são parte da mesma essência, portanto, o que faz bem ao ambiente natural, nessa lógica, também faz bem ao ser humano, aumentando sua potência de agir. Da mesma forma, a separação do ser humano de sua essência natural refreia tal potência.

Na comparação entre corpo humano e planeta Terra, cabe destacar que os seres humanos, como o planeta, são compostos por 70% de água e dependemos dela para sobreviver. No caso do solo (a terra), há uma proximidade na proporção de sua composição orgânica com a proporção dos minérios que compõem os corpos, reforçando o pensamento que fazemos parte da mesma essência (SCHAEFER, 2020).

Portanto, como seres integrantes do planeta, temos que buscar maneiras de nos conectarmos com os outros elementos naturais, e esse processo começa na infância. Para Silva, López-López e Thomaz (2020), é no contato com a água, a terra, o sol, o ar, as plantas, os animais e os demais processos que acontecem no mundo que as crianças se comunicam, interagem, vivenciam e entram em conexão com os diversos seres sem se colocarem no lugar de superioridade, por entenderem que os seres humanos não são superiores aos outros seres vivos.

Permitir o contato da criança com os ambientes naturais é uma excelente oportunidade para o aprendizado e novas descobertas, uma vez que encontramos muitos estímulos sensoriais e inúmeras possibilidades de brincadeiras livres e/ou direcionadas (SANTOS; COMARU; OLIVEIRA, 2022).

Segundo Barros (2018), o convívio com a natureza na infância, especialmente por meio do brincar livre, ajuda a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e de resolver problemas, o que, por sua vez, contribui para o desenvolvimento integral da criança e seu bem-estar.

3.2 O brincar na natureza entre crianças (o outro)

Ainda é muito comum ouvir de adultos sobre os perigos de brincar na natureza: ser picado por um inseto, ter alergia por causa da terra, furar um dedo no espinho, gripar por brincar com água. É do senso comum que brincar na natureza pode causar doenças ou fazer as crianças se machucarem. Assim, os adultos costumam preferir deixá-las em um ambiente fechado. “Por sua vez, agentes sanitários e pediatras apresentam comprovações científicas da importância do contato com a terra para adquirir anticorpos que contribuirão para um corpo mais saudável em seu aspecto físico e orgânico.” (SCHAEFER, 2020, p. 238)

Silva, López-López e Thomaz (2020), indagam quantas possibilidades as crianças perdem de vivenciar ao não confiarmos na importância do contato com o mundo natural. A água que nos refresca no calor e é importante para a sobrevivência, a terra que nos permite pisar, construir ou cavar para descobrir suas camadas; a terra com a água que faz a lama em diferentes texturas e provocam diversos desejos como de se sujar e brincar; subir em árvores, pegar frutas do pé ou simplesmente aproveitar a sua sombra; sentir a brisa fresca do ar; o fogo que pode causar medo, mas é útil para nos aquecermos e cozinhar os alimentos; a diversidade de insetos nas formas e tamanhos que podem ser observados. São atravessamentos que ocorrem e são percebidos pelo corpo, pelo olhar e pelo toque através da curiosidade (SILVA; LÓPEZ-LÓPEZ; THOMAZ, 2020).

Nessa direção, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) criou um manual no qual sugere que as crianças tenham em sua rotina diária pelo menos 1h de brincadeiras ao ar livre em ambientes naturais para uma vida saudável, além de auxiliar no desenvolvimento psicomotor, na agilidade e nas habilidades físicas, contribuindo no aperfeiçoamento da linguagem, criatividade, do raciocínio e desenvolvimento das funções executivas (SBP, 2019 *apud* SANTOS *et al*, 2024).

Quanto ao brincar em ambientes naturais, também podemos considerar a importância do ato de brincar pelo viés da Psicomotricidade. Para Ferreira (2024), o brincar tem um papel determinante para Psicomotricidade em suas múltiplas formas de intervenção na saúde e educação. A ludicidade é a porta de entrada para inscrição de vínculos na infância e essas interações são importantes para a construção da imagem e do esquema corporal, em seus aspectos qualitativos e quantitativos.

O psicanalista Winnicott (1975) explica que o brincar tem um lugar e um tempo, a criança traz para dentro do lugar da brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade externa, manipulando a serviço do sonho e vestindo os escolhidos com significado e sentimento oníricos. Conduz aos relacionamentos grupais, estando a serviço da comunicação consigo mesma e com os outros.

Os jogos e brincadeiras remetem a experiências prazerosas de satisfação nas crianças quando elas vivenciam o brincar consigo ou com os outros (FREUD, 1905 *apud* FERREIRA, 2024). É brincando que a criança experimenta o mundo, aprende imaginando e fortalece as estruturas do cérebro para continuar aprendendo (SANTOS *et al*, 2024).

A teoria de Vigotski, segundo Ferreira (2024) e Santos *et al.* (2024), introduz as zonas de desenvolvimento da aprendizagem, a zona de desenvolvimento real (ações que a criança já domina), a zona de desenvolvimento iminente ou proximal (ações que a criança precisa da ajuda de um mediador). Esta última está ligada à aprendizagem que depende da interação com ambiente e com outros indivíduos. A brincadeira é considerada fonte de aprendizagem e desenvolvimento. É nela que a criança utiliza de toda sua experiência e vivência, levando-as para o mundo simbólico e imaginando coisas, produzindo intenções voluntárias e construindo bases para uma ação planejada, ao nível superior.

De acordo com Barros (2018, p. 58):

> A palavra brincar tem como origem etimológica o termo latim brinco, referente à noção vinculum. Brincar seria, assim, a capacidade humana de criar vínculos com as pessoas e as coisas do mundo. A criação de vínculo tem como mola propulsora o desejo de cada um, sendo o desejo um dos sentimentos humanos mais espontâneos. Entretanto, sentir a pulsação do desejo e a manifestação do vínculo por meio do brincar demanda tempo. Mas não um tempo cronológico e sim um tempo ligado à noção grega de kairós: momento oportuno.

Além da potência de brincar, seja consigo ou com o outro, a natureza é um ambiente influenciador para experiências significativas na infância. Ela é propícia para a aprendizagem infantil e a criação de brincadeiras, no qual as crianças estão expostas a múltiplos estímulos sensoriais que causam a curiosidade e o senso de pertencimento (SANTOS; COMARU; OLIVEIRA, 2022). Os elementos, como galhos, folhas, areia, água, pedras entre outros mais, quando submetidos ao simbólico, se transformam em brinquedos, criando um mundo dentro de outro mundo.

3.3 Os acampamentos educativos e natureza (o ambiente)

Os acampamentos educativos são espaços voltados para a educação não formal, é um lugar onde as crianças aprendem e brincam, convivem com outras crianças e com adultos. Eles se destacam por estarem localizados em cidades do interior, onde os ambientes naturais ainda predominam e são valorizados.

Os espaços de educação não formal são importantes para a construção social do cidadão, pois os assuntos tratados podem ser contextualizados, vividos na prática, dando à criança o sentimento de pertencimento e protagonismo. Assim, há uma integração entre os assuntos teóricos e sua aplicação na vida do indivíduo e na sociedade. Isso ocorre porque as atividades desenvolvidas geram maior interação entre as crianças e o meio, nesse caso, a natureza, estimulando-as a uma melhor percepção do meio ambiente, pois há uma experiência direta com o meio natural (JESUS; LIMA, 2022).

De acordo com Cruz (2025), a natureza como espaço de maravilhamento e lugar “praticado do fantástico” provoca a criação de relações sensitivas e emocionais, num campo de afeto e afetações que transformam as relações num território de transferência de sentidos e sentimentos entre crianças e adultos, potencializando as interações e provocando a expressividade de forma espontânea. O autor chamou esse maravilhamento ao estar ao ar livre de cosmoscepção, um mecanismo humano para se conectar com a natureza. Reconectar-se com a natureza é um direito, é necessário experienciá-la como quem experiencia o próprio corpo, desenvolvendo as sutilezas de perceber e ler o mundo através dos sentidos.

Quando as crianças estão com seus corpos livres, em ambiente natural, se beneficiam imensamente de oportunidades de exercer sua pulsão de explorar, ir além, buscando novos desafios que desejam vencer. Nesse processo, desenvolvem e aprimoram suas habilidades em lidar com riscos e com o imprevisível, aprendendo, ao longo da vida, a avaliar os riscos que querem ou não correr (BARROS, 2018). É da natureza humana superar seus limites e romper barreiras. Dizer “Sim” as vontades do corpo para que sintam liberdade e fujam das limitações que atravancam o seu desenvolvimento, dizer sim aos desejos e as vontades do corpo, subir, trepar, pular, correr, tocar e explorar (TIRIBA, 2018 *apud* CRUZ, 2025).

Durante a estadia nos acampamentos, crianças e jovens podem desfrutar de

atividades de lazer, direcionadas ou não, conviver entre os seus, tendo contato com a fauna e flora daquele lugar, livres para decidir o que querem aproveitar no momento ou simplesmente contemplar o ambiente que traz uma sensação de paz, tranquilidade e segurança que os ambientes urbanos não possuem mais.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA POR UM OLHAR PSICOMOTOR

Desde 2019, desenvolvo o trabalho como Conselheiro/Monitor de um acampamento educativo estruturado no Brasil e voltado para o público de crianças e jovens de 6 a 17 anos e que tem como metodologia de trabalho a filosofia do “Educar Brincando”. O acampamento possui diversos tipos de pacotes comerciais com desenvolvimento de atividades, como férias, passeios escolares e formaturas, temporada de famílias, projetos sociais, entre outros.

O acampamento fica localizado na Serra da Mantiqueira/SP, no meio de uma grande área verde com muitas árvores frutíferas, uma horta completa, sistema de captação e tratamento de água e esgoto, com lago e piscina de água natural para as atividades, trilhas internas, alguns animais, torre de escalada e com grande partes das construções com acabamento em madeira (antigamente era construído em madeira). Sem contar a vista deslumbrante para o Monumento Natural da Pedra do Baú, grande ponto turístico da cidade, formado por 3 picos rochosos, a Pedra do Baú, o Bauzinho e a Ana Chata, local em que o acampamento leva os adolescentes para escalar a pedra e dormir em barracas debaixo das estrelas e à luz da lua. As crianças pequenas também aproveitam dessa experiência, porém a trilha deles segue para uma cachoeira onde podem se banhar e brincar no espaço gramado, subir em pequenas rochas e relaxar à sombra das árvores.

O perfil desses acampantes nas férias é dos mais variados. Tem aqueles que a família frequenta a gerações e vai todos os anos possíveis, aqueles que estão indo viajar pela primeira vez sozinhos (sem os responsáveis), os que vão com parentes próximos e amigos, crianças e jovens de diferentes partes do Brasil e às vezes de fora do nosso país, e de diferentes classes sociais.

Nas temporadas de férias e de passeios escolares, as crianças são divididas por faixas etárias e gêneros nos Chalés (alojamentos), onde são acompanhados por monitores durante toda a sua estada no acampamento.

Para Lapierre e Aucouturier (1986), durante a atividade motora espontânea, o comportamento psicomotor se dá através das relações com o outro e com a autoridade, e através dessa vivência a aceitação dos comportamentos reacionais pela atitude empática que permite a tomada de consciência dessa relação independente e disponível. Assim, o educador precisa lidar com contrastes pedagógicos de liberdade e diretividade, implicação e retirada, segurança e insegurança como contrapartida à independência da criança. Ou seja, durante esse período, o trabalho como conselheiro vai para além da recreação, pois é necessário motivar os acampantes para que eles possam se sentir à vontade de se tornarem protagonistas do que estão fazendo, respeitando as características e individualidades de cada um.

As atividades desenvolvidas vão desde as tarefas básicas do dia a dia, passando por atividades de lazer, aventura, esportivas, artísticas, culturais, estudo do meio, jogos cooperativos e competitivos, gincanas, com propósitos pedagógicos para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Através da ludicidade e da *gamificação* (aplicação de elementos e princípios do jogo em tarefas diárias) nas atividades, as crianças e adolescentes são estimuladas nas mais diversas áreas, seja na parte física, cognitiva, emocional ou espiritual.

Durante a estada no acampamento, no que se refere às tarefas básicas, eles têm a responsabilidade de manter os chalés limpos e arrumados, organizando seus pertences pessoais, arrumando a sua cama, mantendo o banheiro limpo, tendo a liberdade de decorar o chalé como o grupo decidir. Como essas tarefas estão mais no plano do "ter que fazer" do que "querer fazer", existe uma competição quase que diária como forma de incentivá-los (*gameficação*), na qual os melhores levam uma placa de honra ao mérito, como critério de que todos podem ganhar. Ainda dentro dessa competição, eles se juntam para criar músicas e/ou paródias musicais como apresentação de bom dia, onde aquele grupo expressa seus sentimentos, desejos, emoções vividas naquele lugar.

Segundo Negrine (1995, *apud* Juliano *et al,* 2016), a Psicomotricidade Relacional é entendida como jogo/brincar e o educador pode assim fazer no dia a dia, estabelecendo o lúdico como facilitador das interrelações pessoais. Dentro do marco relacional, o mais importante para eles é trabalhar com o que a criança tem de positivo, o que ela sabe fazer, e não se preocupar com o que ela não sabe.

Essas atividades realizadas nos Chalés trazem um senso de grupo e pertencimento entre eles, um senso de comunidade entre os seus, onde, em um, dois ou três dias, um grupo de jovens e crianças já estão trabalhando juntos e entrosados, percebendo as afinidades que formam pequenos grupos dentro de um grande grupo.

No diálogo com essa perspectiva, Juliano *et al* (2016) descrevem as sessões de Psicomotricidade Relacional, no qual os sujeitos são levados a agir no interior das tensões criadas pela autonomia, percebendo sua própria identidade e capacidade de reflexão e transformação de seus comportamentos, o que resulta no sentimento de pertencimento ao grupo e sua subjetivação.

As relações de construções de vínculos e afetos entre as crianças e adolescentes, nos períodos vividos dentro dos acampamentos são dadas no dia a dia, nos momentos de refeições, em jogos e brincadeiras, esportes, atividades livres e outras.

Nas temporadas de férias, que atingem todas as idades de 6 a 17 anos, as atividades propostas podem integrar grupos divididos por chalés, idade ou por times compostos integrantes de todos os chalés, trabalhando valores como respeito, simplicidade, companheirismo, integração e o desenvolvimento das potencialidades individuais.

No que diz respeito à relação dos acampantes nas brincadeiras propostas e o tempo de permanência no acampamento, observa-se que os adolescentes já não têm a fantasia lúdica e o mundo simbólico em evidência em comparação com as crianças mais novas. Mesmo assim, participam das brincadeiras, ajudam e incentivam os mais novos a participar, acolhem os pequenos em momentos de saudade e de tristeza, ajudam em tarefas básicas, o que naturalmente se espelha no mais velho, o tornando uma referência entre eles mesmos, assim como os conselheiros inspiram os adolescentes.

Os corpos grandes e pequenos funcionam da mesma maneira, a diferença é a quantidade de experiências que nos ajudam a desenvolver recursos para refinar esse diálogo com o mundo. Eles se afetam mutuamente, as crianças e os adolescentes são afetados por gestos de corpos mais experientes e adultos são afetados por gestos de corpos menores em força física, mas com uma potência latente (SILVA; LÓPEZ-LÓPEZ; THOMAZ, 2020).

A construção de um ambiente seguro e acolhedor se torna transformador, é visível o desenvolvimento das crianças e adolescentes, os tímidos se soltam, os líderes vão aparecendo, aqueles que não querem participar muito acabam

aproveitando mais, não querendo ficar de fora. Com relatos finais, em sua maioria positivos e afetuosos, a liberdade de expressão permite a cada um ser como quer ser. A atenção recebida, as conversas e brincadeiras que aproximam e ajudam na construção de vínculo construída entre eles e nós, monitores, geralmente geram discursos e declarações que acontecem no momento de fogueira, em que há um momento de reflexão com todos, de tal forma que alguns falam em nome dos grupos dos chalés e por si mesmos também. As lágrimas e falas de vivências, aprendizados, emoções e saudades sentidas na última noite e no último café da manhã antes da partida trazem a sensação de que aquele momento conseguiu marcar positivamente a vida daquela criança e adolescente. Muitos desses, depois dos 18 anos completos, buscam se tornar conselheiros no acampamento como forma de perpetuar aquele ambiente que dizemos ser mágico para as novas gerações.

Como conselheiro pude vivenciar muitos momentos com experiências positivas e negativas. Poder mediar grupos de crianças e jovens e ser responsável por eles por um período de uma semana me trouxe a importância do saber olhar a situação e o seu contexto de forma mais ampla, para identificar as características do grupo e de cada um e, assim, saber colocar os acampantes como protagonistas das ações deles e cooperando entre eles, em um grupo diverso e heterogêneo. Entretanto, nem sempre é uma tarefa fácil, nós também sentimos todos esses atravessamentos e o peso da responsabilidade como educadores, mas:

> Enquanto educadores, devemos nos conscientizar que contribuir para o desenvolvimento de um ser é uma responsabilidade muito grande. Nossos atos deixarão marcas que ficarão gravadas na memória da criança. Como adultos, não podemos nos apropriar desse ser criança e moldá-lo para que seja como nós (SILVA; LÓPEZ-LÓPEZ; THOMAZ, 2020, p. 36).

Assim, ao proporcionar um ambiente seguro para que eles possam se autoexpressar de maneira livre, buscando uma convivência em harmonia entre os seus, o acampamento e os monitores, formam-se os vínculos que podem se tornar eternos.

5 METODOLOGIA

Utilizando da revisão bibliográfica em diálogo com a metodologia narrativa com base em um relato de experiência, a presente pesquisa traz como proposta relacionar o trabalho realizado nos Acampamentos Educativos, com a Psicomotricidade e o brincar na natureza no desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes.

Nesse sentido, houve a busca de referências bibliográficas no site da ABAE (Associação Brasileira de Acampamentos Educativos), instituição criada para agrupar, inter-relacionar e compartilhar experiências dos acampamentos que acreditam no valor educacional dessa atividade e destacam alguns trabalhos acadêmicos e referências em sua página.

Também foram escolhidos autores que abordassem o diálogo da Psicomotricidade com o brincar na natureza ou exaltassem a natureza como ambiente pedagógico, em livros, nas plataformas do Programa Criança e Natureza do Instituto Alana e no Google Acadêmico.

Para enriquecer os conceitos e reflexões trabalhadas, o relato de experiência em um acampamento junto ao processo formativo em Psicomotricidade Educacional trouxe o olhar psicomotor às minhas vivências e experiências como conselheiro de

um acampamento educativo no convívio direto de crianças e adolescentes que participam desses eventos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza é por si só um agente educador, seus elementos provocam os mais variados estímulos sensoriais, que exprimem a curiosidade e desejos que vão do contemplar ao explorar. Ela é um ambiente que nos acolhe e nos acalma de maneira instintiva. Quando os sujeitos estão expostos à natureza, durante a infância, costuma ser maior essa sensação de reconexão na vida adulta. Infelizmente, nossa sociedade ainda menospreza a importância dos biomas existentes e o estilo de vida urbano provoca um distanciamento que gera problemas à longo prazo à saúde humana e do planeta.

Por sua vez, os ambientes naturais são inspiradores para jogos e brincadeiras, seja no mais puro mundo imaginário de uma criança pequena ao jogo com regras entre os jovens e adolescentes ou em atividades de aventura. Corpos livres nesses espaços se tornam potentes ao desenvolvimento psicomotor; eles aprendem com e na natureza, seja na relação consigo mesmo, com o ambiente ou com o outro.

Os acampamentos educativos são uma excelente opção de lazer e formação pessoal integral, são espaços em meio à natureza, longe do excesso de tecnologias e informações, favorecendo o diálogo, a empatia e a coletividade, promovendo a autonomia, a responsabilidade e o protagonismo dos acampantes no dia a dia. Crianças e jovens aprendem a dar valor às coisas simples da vida, a viver em comunidade, a transformar experiências em ensinamentos de vida, tudo isso envolto por um ambiente lúdico e divertido. É através do brincar que tudo acontece: a integração, a criação de vínculos, o desenvolvimento de tarefas e as habilidades variadas.

É comum nas práticas psicomotoras vermos as pessoas vislumbrarem os ambientes naturais quando querem relaxar (SCHAEFER, 2024). Assim, quando colocamos os acampamentos educativos sob o olhar psicomotor, pode-se observar que eles partilham de lugares de afetos, lembrados pelas vivências, atribuindo para esse lugar a responsabilidade social na construção dos sujeitos envolvidos, o que irá constituir sua forma de ver e atuar no mundo (JULIANO *et al,* 2016), através do jogo e da brincadeira, além de promover uma formação integral dessas crianças e jovens, em busca do desenvolvimento mental, físico, social e espiritual e do bem-estar geral.

Na convivência em acampamentos, como conselheiro, entendi que é necessário olhar e observar para tentar compreender o grupo de alguma forma, descobrindo suas particularidades, os pontos que podem causar divergências, potencialidades e individualidades. Integrá-los e incluí-los nas atividades diárias é um desafio, sabendo que, ao mesmo tempo, é necessário respeitar a vontade daquele corpo. Por isso a busca de criar um ambiente leve e descontraído para que nada seja uma obrigação que também não seja uma diversão, consequentemente, fortalecendo o aprendizado e os seus valores, podendo se sentir livres para se expressarem e libertar suas habilidades e potencialidades.

Dessa forma, acredito que os acampamentos educativos possuem totais condições de auxiliar no desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes, através de suas atividades lúdicas e da convivência entre os seus, a natureza que os envolve produz a matéria prima e estimula a criatividade, relaxa e aumenta a percepção de si como um ser indivisível que afeta e é afetado a todo momento em que relaciona com si, o outro e o ambiente.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ACAMPAMENTOS EDUCATIVOS - ABAE. São Paulo. Disponível em: <https://abae.org.br/institucional/historia/>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2026.

BARROS, Maria Isabel Amando de. (Org.). **Desemparedamento da infância:** a escola como lugar de encontro com a natureza. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Criança e Natureza e Alana. 2018.

BAZILIO, Mayara; SCHAEFER, Katia Bizzo. Crianças em ambientes naturais nas escolas de educação infantil: por corpos potentes e saudáveis! In: OLIVEIRA, Adriana Amaral de; VELASQUES, Bruna Brandão; OLIVEIRA, Mônica Maria Souza de (Orgs). **Neurodesenvolvimento infantil em contato com a natureza.** Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021. p. 39-56.

CRUZ, Rafael Branco. **Floresta~Escola:** uma muvuca de práticas educativas desemparedadas. Curitiba, PR: Appris, 2025.

DELORS, Jaques. (Pres.). **Educação:** um tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (destaques). Unesco, 2010 46p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por > Acessado em: 03 jun. 2026.

FERREIRA, Carlos Alberto de Mattos. O brincar na clínica psicomotora. In: THOMPSON, Rita *et al* (Orgs.). **Tratado de Psicomotricidade.** Ribeirão Preto, SP: Book Toy, 2024. p. 311-317.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GONÇALVES, Fátima Aparecida. Corpo e Imobilidade no Espaço contemporâneo. In: THOMPSON, Rita *et al* (Orgs.). **Tratado de Psicomotricidade.** Ribeirão Preto, SP: Book Toy, 2024. p. 73-81.

JAROCKI, Rose Mary. **Acampamentos Pedagógicos:** uma proposta educativa. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade José Lacerda Filho de Ciências Aplicadas. Ipojuca, PE. 2008. Disponível em: <https://abae.org.br/monografias-e-teses/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

JESUS, Davi Pereira de; LIMA, Ana Paula Oliveira de Jesus. Espaços não formais naturais e sua relação com o aprendizado e vivências das crianças: uma revisão sistemática utilizando o método prisma. In: OLIVEIRA, Mônica Maria Souza de. GRENNO, Fernando Enrique. PROFICE, Christiana Cabicieri (Orgs.). **A natureza da criança:** diálogos com Vigotski e Bronfenbrenner. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2022. p.169-185.

JULIANO, Andreia da Costa *et al.* Psicomotricidade relacional na educação infantil:

relações de pertencimento e reflexões com a educação ambiental. **Rev. Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental.** Rio Grande do Sul, RS, v. 33, n.3, p. 198-212, set./dez. 2016.

LAPIERRE, Andre; AUCOUTURIER, Bernard. **A simbologia do movimento:** psicomotricidade e educação. 2 ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1986.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.

SANTOS, Carla Barbosa de Farías *et al*. **Brincar com e na natureza**: Os benefícios para o neurodesenvolvimento infantil na perspectiva da neuroeducação. Vitória: Edifes Parceria, 2024. Disponível em: <https://indd.adobe.com/view/3fa32f42-765a-42eb-95f9-370d4057bdde>. Acesso em: 2 março. 2026.

SANTOS, Carla Barbosa de Farias; COMARÚ, Michele Waltz; OLIVEIRA, Mônica. Brincar com e na natureza em família – diálogos com Vigotski. In: OLIVEIRA, Mônica Maria Souza de. GRENNO, Fernando Enrique. PROFICE, Christiana Cabicieri (Orgs.). **A natureza da criança:** diálogos com Vigotski e Bronfenbrenner. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2022. p.156-168.

SCHAEFER, Katia Bizzo. Corpos de terra e água: por uma identidade terrena no ambiente escolar. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. “Educação: Corpo em movimento II.” Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 232-254, jan/abr. 2020.

SCHAEFER, Katia Bizzo. Psicomotricidade e Natureza: a tecitura de um corpo raiz. In: THOMPSON, Rita *et al* (Orgs.). **Tratado de Psicomotricidade.** Ribeirão Preto, SP: Book Toy, 2024. p.327-335.

SILVA, Ana Lúcia Rodrigues da; LÓPEZ- LÓPEZ, Mariana Alonso; THOMAZ, Raianne da Silva Alves Bernardo. Natureza: corpo, arte e infâncias. In: DAMASCENO, Mônica Maria Siqueira (Org.). **Relação sociedade-natureza, saúde e educação**: reflexões multidisciplinares. Crato, CE: Quipá Editora, 2020. p.26-42.

VIVOLO FILHO, Marco Antonio. **Acampamentos no Brasil**: aspectos históricos e importância social. Monografia (MBA em Economia do Turismo). USP. São Paulo. 2003. Disponível em: <https://abae.org.br/monografias-e-teses/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.